

AS ORIGENS MEDIEVAIS DA LENDA DE ROBIN HOOD

José Roberto A. Mello
Universidade de São Paulo

Robin Hood é um personagem bastante conhecido de nosso público. Mesmo quem nunca tenha lido o famoso *Ivanhoe* de Walter Scott há de ter assistido, ao menos uma vez, no cinema ou na televisão, a uma das diversas películas sobre esse simpático herói.

Robin celebrizou-se como o campeão dos pobres contra a opressão dos ricos, representados pelo antipático xerife de Nottingham, e como defensor dos direitos de Ricardo I ao trono Inglês, ameaçados pela insaciável cobiça de seu irmão João.

Agora, o que muitos talvez não saibam é que esses atributos de nosso herói foram lentamente elaborados a partir do século XVI, nada tendo a ver com seu retrato nas baladas originais. Por exemplo, o enobrecimento de Robin foi propiciado por um certo Anthony Mundy, autor de duas peças teatrais, escritas por volta de 1598, nas quais o bandido é dado como o injustiçado filho do conde de Huntington, que teria vivido no reinado de Ricardo I. Alguns anos mais tarde, um outro autor, Martin Parker, no seu *True Tale of Robin Hood* (1632) o apresenta pela primeira vez como campeão dos pobres. E, finalmente, o conhecido romântico Walter Scott o transforma, em 1820, num herói nacional, o defensor dos oprimidos anglo-saxões contra os invasores normandos.

A literatura sobre Robin Hood é bastante extensa, abrangendo baladas, romances, peças teatrais e folhetins. Totalizando aproximadamente trinta e três obras num período que vai do século XV ao XIX. Ao longo desses quatrocentos anos a lenda de Robin Hood evoluiu, partindo de uma situação histórica já pouco

perceptível nas primeiras baladas do século XV, até chegar à completa ficção nos séculos XVIII e XIX. E essa evolução tanto comportou alterações na identidade do herói, como já vimos, quanto ampliações no enredo original, pelo acréscimo de personagens com origens diversas e histórias próprias; é o caso do gordo frei Tuck que, surgindo literariamente por de 1417, veio unir-se ao bando de Robin em 1475; ou o da jovem Marion, proveniente, talvez, do **Jeu de Robin et Marion**, e incorporada ao meio robinhoodiano nas cercanias de 1500.

Dada a vastidão do assunto, nosso propósito aqui é considerar somente as obras mais antigas e, portanto, mais próximas do ambiente medieval em que nasceu Robin Hood.

Segundo os especialistas, não é tarefa fácil detectar as obras mais primitivas em sua inteireza, quer pelos enxertos posteriores, quer pela existência de fragmentos bastante arcaicos em trabalhos mais recentes. Todavia, o consenso comum aponta cinco peças como as mais antigas, remontando ao início do século XV e, quando muito, ao início do XVI. São elas: **A Lytell Geste of Robyn Hode** (chamada simplesmente de **Gesta de Robin Hood**), c. 1400-1450; **Robin Hood and the Monk**, c. 1450; **Robin Hood and the Potter**, c. 1503; **Robin Hoode his Death** (fragmento estreitamente relacionado como os versos finais da **Gesta**) e **Robin Hood and Guy of Gisborne**, final do século XV ou início do XVI.

O grande problema para os estudiosos do assunto é saber se esse material, apresentado por escrito no decorrer do século XV, já existia anteriormente na forma de longas baladas, transmitidas oralmente, ou se circulava apenas como curtas estórias, mais tarde reunidas pelos poetas, que lhes deram a presente forma poética. Por conseguinte, qual o papel destes na elaboração do material folclórico primitivo, e durante quanto tempo este teria circulado oralmente antes de ingressar no terreno da literatura escrita? Tudo isso nos leva obviamente à questão da própria origem da lenda.

Graças a uma menção no longo poema aliterativo do final do século XIV, o **Piers Plowman**, ficamos sabendo que por volta de 1377 já circulavam na Inglaterra versos sobre Robin Hood. Nada conhecemos sobre eles, mas sendo a primeira referência a tal assunto, os historiadores tendem a calcular que a lenda deva ter-se originado uns quarenta anos antes, nas duas primeiras décadas do século XIV. Tal suposição parece confirmada pelas características essenciais das histórias, que coincidem com usos e mentalidades próprias desse período. Para se ter uma idéia dessas características, damos a seguir um rápido resumo das cinco obras mencionadas.

A **Gesta de Robin Hood** nos apresenta vários episódios reunidos artificialmente pelo autor. O primeiro é a história de um pobre cavaleiro, convidado para jantar com Robin, que na hora de pagar a conta (uma forma gentil de assalto) não pôde fazê-lo por possuir somente dez xelins. Aos espantados homens do bando ele conta que, após uma série de percalços, perdera os bens, ficando suas propriedades empenhadas ao abade de Santa Maria de York, em troca de um empréstimo de £400. Condoído, Robin emprestou a soma ao cavaleiro, que pôde destarte, quitar a dívida, frustrando os intentos do ambicioso abade, o qual, juntamente com um certo "justiceiro mor", esperava fiçar com os bens do cavaleiro.

A segunda história está estreitamente vinculada a esta, da qual forma a conclusão. Alguns companheiros de Robin, João o Pequeno, Will Scakelock e Much, o filho do Moleiro, trazem desta feita um monge – o despenseiro de Santa Maria – para jantar. Na hora do pagamento este alegou estar com pouco dinheiro; porém, quando revistado, descobriram com ele £800 e lhas tomaram. Assim, quando o cavaleiro retornou para reembolsar Robin pelo empréstimo, não só este recusou-se a receber como lhe deu ainda £400 da soma tomada ao monge.

A terceira história, sem ligação nenhuma com as anteriores, relata o encontro de Robin com o rei Eduardo. Reconhecido ao participar de um campeonato de arco

e flecha em Nottingham, o nosso herói refugiou-se no castelo de um nobre, Sir Richard de la Lee. Durante o assédio, realizado pelo xerife de Nottingham, Robin escapou, e aquele dirigiu-se a Londres para acusar o cavaleiro de ter acoutado um bandido. É então que ocorre a vinda do rei ao norte para verificar os acontecimentos. Ele penetra na floresta disfarçado de monge, encontra Robin e o perdoa. Este volta para Londres com o rei, ficando a seu serviço durante um ano, após o qual, saudosos da floresta e dos companheiros, retorna à primitiva vida de fora-de-lei.

O fragmento **Robin Hood his Death** seria, conforme alguns autores, a conclusão dessa balada, tendo sido perdidos os versos intermediários.

As vinte e sete linhas restantes narram a morte do bandido, ao procurar um tratamento de saúde junto à sua prima, a abadessa de Kirklees. Esta, instigada pelo amante, Red Roger, matou Robin durante a sangria. Porém, João o Pequeno vingou-se, assassinando Red Roger e só não fazendo o mesmo com a abadessa em atenção a Robin que a perdoara. O trecho acaba com Robin manifestando ao companheiro o desejo de ser decentemente sepultado.

Em **Robin Hood and the Monk** temos outra aventura do bandido, em Nottingham, quando foi reconhecido por um monge ao adentrar a igreja de Santa Maria. Graças a isso foi capturado, mas o monge delator acabou seus dias nas mãos de João o Pequeno e Much, quando levava a notícia da prisão de Robin ao rei.

Guy de Gisborne narra a luta de Robin com um yeoman que o andava caçando, da qual ele, obviamente, sai vitorioso.

Em **Robin Hood and the Potter**, após lutar, e perder, com um vendedor de cerâmica que encontrara na floresta, o nosso herói toma emprestada suas vestes e mercadorias, com as quais entra em Nottingham. Sob tal disfarce consegue pregar uma boa peça ao seu inimigo, o xerife, jantando em sua casa e conduzindo-o para a floresta, onde é apanhado pelo seu bando.

Como vemos, essas estórias apresentam vários pontos em comum, desde o cenário até os personagens, que têm sido utilizados para a localização da lenda no tempo e no espaço.

Começamos pelo cenário. Apesar da floresta ser um elemento corriqueiro na literatura medieval, sobretudo nos romances de cavalaria, o palco das ações do bando de Robin revela umas tantas especificidades que nos fazem suspeitar de sólidas amarras da lenda com locais históricos ou, pelo menos, familiaridade do autor da **Gesta**, caso lhe caiba um grande papel no remanejamento da matéria oral, com certas regiões da Inglaterra.

Assim, longe de ser uma floresta imaginária, a floresta de Robin Hood é, conforme as versões, ora Barnsdale no Yorkshire meridional, ora Sherwood no Nottinghamshire (esta acabou predominando na literatura posterior). Ambos os sítios existiam no século XIV, sendo que na **Gesta** nos são fornecidos certos pontos plenamente comprovados por outras fontes, como a estrada chamada Watling Street, e até mal afamados pela efetiva presença de malfetores, como a ponte sobre o rio Sayles em Wentbridge. Além do mais, a floresta, para os marginais, era não apenas um palco de aventuras, mas o seu habitat e sua fonte de alimentação, havendo portanto uma comunhão mais estreita entre eles, diferente do relacionamento que se estabelecia, por exemplo, entre o cavaleiro errante e a floresta.

Ora, nas baladas, a única razão presumível da proscricção de Robin é justamente a caça ilegal nas florestas reais. Conquanto a época áurea das disputas entre a comunidade do reino e a realeza por causa das florestas, consideradas na Inglaterra, em boa parte, como reservas para uso real, tenha sido o século XIII, nos cem anos seguintes elas continuaram ainda bem guardadas e os infratores de suas leis severamente punidos.

A estória de Robin inicia-se assim com ele e seu bando presentes na floresta, sem que nenhuma explicação nos seja dada acerca de sua origem, de sua condição social, ou do crime que o colocou fora da lei. Sua designação como

yeoman tem provocado muita polêmica entre os estudiosos do assunto, dada a imprecisão do significado social de tal termo. Para os que nele vêem o servidor de uma família aristocrática, um valete, abaixo da condição do escudeiro, Robin aparece como um elemento associado à nobreza, cujas estórias teriam audiência garantida nos saguões palacianos do século XIV. Já os que notam o uso do vocábulo para designar elementos do povo, como um moleiro, por exemplo, têm em Robin Hood o protótipo do herói popular, cujas baladas, cantadas em inglês, constituiriam um elemento de oposição nacionalista às classes dominantes estrangeiras, cujo idioma era o anglo-normando.

Todavia nada há nas baladas que justifique qualquer das posições. O bando de Barnsdale/Sherwood não era defensor de qualquer causa, nem dos ingleses contra os normandos, nem dos pobres contra os ricos, e, sequer – o que seria de esperar dado o contexto da literatura política da Inglaterra nesse período – o reparador das injustiças cometidas pelos oficiais reais aí representados pelo xerife de Nottingham. As ações se desenrolam pelo simples amor à aventura. Até o início de certos contos da **Gesta** nos faz lembrar de Artur, que se recusava a jantar sem ter antes ouvido, ou visto, alguma aventura maravilhosa.

Assim como a aventura, a violência é também encarada de forma natural, não aparecendo qualquer censura sobre a crueldade de determinados atos dos bandidos, o que vai bem de encontro ao “violento teor da vida” do século XIV, tão bem descrito por Huizinga.

Melhores que a violência, outros elementos nos ajudam a fixar no século XIV a elaboração da lenda. Um deles a principal arma utilizada pelo bandido, o arco longo (**long bow**), originário do País de Gales, cujo uso se difundiu na Inglaterra do século XIV, constituindo o grande trunfo dos ingleses nas primeiras batalhas da Guerra dos Cem Anos. Depois o próprio “bando”, ligado por uma estreita fidelidade traduzida de forma visível na libré, a roupa verde, confeccionada com o famoso “**Lincoln green**”, tecido de cor verde fabricado na região de Lincoln. Ora a presença de mesnadas assinaladas por libré em torno dos aristocratas do século XIV é algo bem conhecido dos historiadores, tendo sido também uma contínua fonte de dores de cabeça para o reino e para os soberanos que tentaram lutar contra os abusos engendrados pelas mesmas.

Finalmente os bandidos: neste sentido, o século XIV parece ter sido excepcional, malgrado a crônica existência do banditismo ao longo de toda a Idade Média. Não sabemos se a abundância de documentação, ou o particular interesse dos historiadores, ou ainda o caráter de exceção das atividades criminosas geraram para esse período abundantes informações sobre a atuação de quadrilhas de bandidos durante anos a fio em determinada área do reino inglês. Para citar somente as mais bem estudadas, temos os Folville de Ashbey Folville e os Cotereel, que floresceram na primeira metade do século, mantendo ligação com aristocratas, com juizes e mesmo com o pessoal eclesiástico.

Com tais precedentes históricos não é pois de se estranhar o surgimento, nesse período, de um bando lendário catalizando as melhores “virtudes” que a imaginação popular (ou aristocrática) pôde atribuir a tais malfeitores, como de resto ocorreu com as canções de **Gesta** e os Romances de Cavalaria em relação à própria aristocracia.

Porém, se o contexto original da lenda pode ser traçado com alguma margem de segurança, outro tanto não ocorre com a historicidade do herói, que permanece na sombra, malgrado os ingentes esforços dos especialistas para estabelecê-la.

Embora não se aceitem mais hoje as hipóteses sobre a origem mitológica do personagem, a sua identificação com alguém que tenha vivido na Inglaterra do século XIII ou XIV não é fácil. O método empregado pelos que se dedicam a essa árdua tarefa tem sido o da investigação minuciosa de todos os Robert Hood (do qual

Robin é um diminutivo) que aparecem nos registros dos tribunais e dos personagens cujas carreiras na vida real coincidam com as das principais figuras das baladas, tais como o xerife de Nottingham, o abade de Santa Maria de York, sir Richard de La Lee, a abadessa de Kirkless, etc.

E têm sido encontrado tanto Robert Hood como as demais figuras, com traços mais ou menos aproximados dos pintados nas baladas. Todavia, o difícil é fazê-los coincidir todos em uma mesma época, e mais, com as duas únicas menções propriamente históricas encontradas nos contos: o rei Eduardo, adjetivado de "our comely kng", e a viagem que um soberano deste nome tenha empreendido ao norte da Inglaterra. Com efeito, o único Eduardo ao qual cabia o epíteto de belo, segundo os contemporâneos, foi Eduardo II, também o único a fazer uma tournée ao norte passando pelo Nottinghamshire em 1323.

Dos candidatos a Robin Hood, o que reúne maiores probabilidades é um personagem de Wakefiel do mesmo nome, com uma aparição meteórica nos registros do Banco Comum entre 1316 e 1317. Em maio de 1324, portanto depois da viagem de Eduardo ao norte, temos outro Robert Hood na lista de pagamentos do Paço Real, como porteiro da Câmara. Tratar-se-ia do mesmo personagem ou de pessoas distintas? Infelizmente nenhuma informação adicional permite qualquer conclusão.

Da mesma forma as exaustivas inquirições de um dos mais recentes historiadores a se interessar pelo assunto, John Bellamy, trouxeram à luz outros personagens que poderiam enquadrar-se nos requisitos da lenda, dois deles vivendo e exercendo suas atividades na década de trinta, um abade do convento de York, Tomás Multon, e um xerife de Nottingham, Henrique de Faukumberg. Porém, como sempre, os achados não nos levam a nada além de especulações não historicamente comprovadas.

Dois bandidos que nos deixaram testemunhos do próprio punho, um deles atuando, inclusive, na região de York por volta de 1336, e outro tendo composto um curto poema em anglo-normando, em 1306 ou 1307, acerca das vantagens da vida na floresta, nem se chamavam Robin Hood, nem pelas características de suas carreiras e testemunhos se enquadram nos moldes estabelecidos nas baladas.

A lenda de Robin Hood tem por enquanto esse final um tanto frustrante para nós: sabemos que ela é proveniente do século XIV, sem dúvida; sabemos de vários bandidos e várias quadrilhas que floresceram efetivamente nesse período; sabemos que Barnsdale era assombrada por eles; mas, para nosso azar, entre eles nenhum Robin ou Robert Hood é mencionado, quer nos registros criminais, quer pelos cronistas da época.